A informação entre a foice e o martelo: análise histórica do desenvolvimento da Ciência da Informação no bloco comunista (1918-anos 1990)

Information between the hammer and sickle: a historical analysis of Information Science in the communist bloc (1918–1990s)

Roberto Lopes dos Santos Junior
Doutor em Ciência da Informação pelo convênio IBICT/ UFRJ, Rio de Janeiro; Professor da Faculdade de Arquivologia e do Programa de pós-graduação em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, PA, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6063-920X
E-mail: bobblopes@hotmail.com

Resumo

Análise histórica, a partir de levantamento bibliográfico e revisão de literatura, sobre o desenvolvimento da Ciência da Informação no antigo bloco comunista durante a segunda metade do século vinte, identificando como os países socialistas desenvolveram seus serviços de informação e como se deu a relação com o país hegemônico do bloco, a União Soviética, analisando também seus principais canais de inter-relacionamento teórico e prático. O artigo incialmente analisou a evolução, consolidação e expansão da Biblioteconomia e Ciência da Informação nas primeiras décadas da União Soviética, focando posteriormente em sua esfera de influência (Leste europeu, China, Cuba e em países ligados a Ásia e África). A pesquisa identificou que a União Soviética, por décadas, conseguiu manter, segundo termo cunhado por Pamela Spence Richards, uma espécie de "império informacional comunista", suprindo os países sob sua influência com material científico e padronizando seus serviços de informação, porém com muito pouco dessas iniciativas sobrevivendo após 1991.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Biblioteconomia; União Soviética; bloco comunista.

Abstract

This historical analysis, based on a literature survey and review, examines how Information Science developed in the former communist bloc in the second half of the twentieth century. It looks at how socialist countries built their information services and their relationship with the bloc's dominant power, the Soviet Union, as well as the main channels of theoretical and practical exchange. The article first analyzes the evolution, consolidation, and expansion of Librarianship and Information Science in the early decades of the Soviet Union, then turns to its sphere of influence (Eastern Europe, China, Cuba, and countries connected to Asia and Africa). The study found that, for decades, the Soviet Union sustained what Pamela Spence Richards called a "communist information empire," supplying countries under its influence with scientific material and standardizing their information services—yet little of this survived after 1991.

Keywords: Information Science; Librarianship; Soviet Union; communist bloc.

1. Introdução

Quando são discutidas as origens e consolidação da Ciência da Informação no século vinte, alguns consensos sobre os caminhos onde a área obteve a base teórica e prática de sua constituição são apresentados.

Na primeira metade desse século, citam-se as contribuições da Documentação para a identificação de uma nova realidade informacional, inicialmente na Bélgica, com os trabalhos e iniciativas lideradas por Paul Otlet ([1934] 2018). E. posteriormente, na França com a obra de Suzanne Briet ([1951] 2016), ambos influentes marcos iniciais de estudo sobre uma emergente "sociedade da informação" (Saldanha; Ortega, 2018; Juvêncio, 2021).

Cita-se também o cenário inglês, que realizou os primeiros congressos científicos de grande porte para o então campo de estudo relacionado à Informação Científica, em 1946 (*Royal Empire Society Scientific Conference*) e 1948 (*Royal Society Scientific Information Conference*), ocorridos em Londres, além de ter sido o cenário a apresentar os primeiros organismos (Institute for Information Scientists, fundado em 1949), cursos de pós-graduação (em especial a Northampton College of High Technology, atualmente The City University, Londres, em 1952) e definições (feitas por Jason Farradane e outros pesquisadores na primeira metade dos anos 1950) a utilizarem a nomenclatura *Ciência da Informação* para a classificação da área (Santos Junior, 2012b).

Outro local importante foi nos Estados Unidos, seja pelo artigo *As We May Think* (1945), publicado pelo proeminente cientista Vannevar Bush, que vislumbrou tanto a produção maciça de informação quanto a necessidade de novas formas tecnológicas de sua organização, seja dos congressos ocorridos no Georgia Institute of Technology, entre 1961 e 1962, que serviram de base aos influentes artigos de Taylor (1966) e Borko (1968), que ajudaram a definir o escopo epistemológico e de atuação prática da Ciência da Informação, até hoje citados em diferentes publicações (Barreto, 2007; 2008; Santos Junior, 2012b).

No entanto, a Ciência da Informação também recebeu contribuições além da esfera capitalista. Entre o final dos anos 1940 até 1991, parte do globo denominada de "bloco socialista" ou "segundo mundo" ofereceu práticas e teorias que tiveram importância para a consolidação da Ciência da Informação, ainda que sua base e interpretação apresente particularidades das apresentadas pelos EUA e Europa ocidental.

Não que esse cenário tenha sido ignorado pelo Ocidente. Cita-se, por exemplo, os pesquisadores britânicos Bertham Brookes, Douglas Fosket e Derek the Solla Price e a estadunidense Pamela Spence Richards, que não somente produziram detalhado material sobre o cenário soviético, como realizaram visitas profissionais à URSS. No Brasil, desde os anos 1970, a discussão sobre as ideias soviéticas encontra-se em artigos da área (e.g. Zaher, Gomes, 1972). Nos primeiros anos do século XXI, Freire (2004), Pinheiro (2005) e Ortega (2009) foram alguns nomes que identificaram o papel soviético para a consolidação teórica da Ciência da Informação nos anos 1960. Porém, abordagens que ignoram a contribuição soviética e a dinâmica informacional comunista também aparecem em diferentes artigos sobre a história da Ciência da Informação.

Buscando suprir essa lacuna, o artigo analisou o desenvolvimento da Ciência da Informação ocorrid no antigo bloco comunista durante a segunda metade do século vinte. O trabalho objetiva identificar como os países socialistas desenvolveram seus serviços de informação e como se deu a relação com o país hegemônico do bloco, a União Soviética, analisando também seus principais canais de inter-relacionamento teórico e prático.

O trabalho, baseado em levantamento bibliográfico e revisão de literatura, ligado à pesquisa que iniciei em 2007, sobre a evolução da Ciência da Informação na União Soviética, apresenta-se também como uma reunião de materiais produzidos no qual discuto a evolução da área no bloco comunista. Leste Europeu, África e Cuba foram alguns desses materiais aproveitados em artigos e capítulos de livros e unificados nessa pesquisa, com ajustes e atualizações, expandindo a análise para países da Ásia. Com isso, a pesquisa apresenta um caráter de “conclusão” ligado à URSS/ Rússia e iniciando uma nova fase de estudo ligada à China, a ser expandida futuramente.

A pesquisa incialmente analisa a evolução, consolidação e expansão da Biblioteconomia e Ciência da Informação nas primeiras décadas da União Soviética, focando posteriormente aos países de sua esfera de influência.

2. Consolidação comunista e primeiras expansões

A ascensão bolchevique ao poder, no final de 1917, não somente ofereceu mudanças radicais na estrutura política e econômica da Rússia, como também em seu campo cultural e científico, no que ficou conhecido como "nova utopia científica", ambicionando retirar de forma rápida, o país do atraso, a partir de fortes investimentos em Ciência e Tecnologia. O primeiro dirigente comunista, Vladimir Lênin (1870-1924), influenciado por sua esposa, a bibliotecária Nadezhda Krupskaya (1869-1939), expandiu essa visão para as bibliotecas, museus e arquivos russos (Silva, 2012; Forster, 2019).

De um lado, destaca-se uma primeira geração de bibliotecárias russas/ soviéticas que deram suporte a reorganização dos currículos em Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, que tiveram sua estrutura abruptamente modificada, além do surgimento de novos cursos de graduação e escolas técnicas na então República Socialista Federativa Soviética da Rússia. Dessas bibliotecárias, além de Krupskaya, cita-se também Lyubov Khavkina-Hamburger (1871-1949) e Genrietta Abele-Derman (1882-1954), ativas na última década do regime czarista e assumindo papel de liderança em órgãos e graduações nos primeiros anos do comunismo (Richardson Jr., 2000; Bauer; Delcoro; Pereira Filho, 2022).

Em 1918, Lenin aprovou a "Declaração de direitos sobre a ciência dos arquivos", ou Lei de Arquivos, principal legislação a regulamentar as práticas arquivísticas no país, em atividade até 1993. Nessa lei, instituía-se o Fundo Unificado dos Arquivos do Estado (EGAF ou *Glavarkhiv*), que tinha como função unificar e centralizar todos os documentos produzidos nas repúblicas soviéticas, em funcionamento até 1991 (Santos Junior, 2012a).

Em relação aos museus e centros culturais, a partir de 1923, grandiosos projetos, pesquisas e exibições etnográficas, apresentando a diversidade cultural do novo país, estimularam a renovação de práticas, legislações e estudos teóricos da área, adaptando a Museologia ao comunismo, com tensões mas também oferecendo bons resultados, visualizados na positiva recepção popular a essas exposições (Hirsch 1997; 2003; 2005).

Na Biblioteconomia, os soviéticos resolveram criar adaptações de teorias e práticas oferecidas pelos Estados Unidos e Europa. A principal foi a consolidação do sistema de classificação biblioteco-bibliográfica (em russo BBK), que consistiu na junção da classificação decimal de Melvin Dewey e da classificação universal de Paul Otlet, com elementos do marxismo-leninismo e em correntes de pesquisa russos, oferecendo, segundo palavras de

Krupskaya, uma "Biblioteconomia comunista", com um viés social e integrado a realidade soviética (Silva, 2012; Muñoz-Muñoz, 2017).

Pesquisas recentes (Fitzpatrick, 2017; 2022) identificam resistências de professores e profissionais sobre essa guinada teórica e prática (na verdade em grande parte das disciplinas científicas pelo país), mas com boa aceitação dos alunos, que, muitas vezes, mostravam empolgação a essa nova realidade de construção social, informacional e bibliográfica. A partir dos anos 1930, essas tensões, mesmo não desaparecendo, diminuíram à medida que uma nova geração de docentes apresentou eficiente adaptação a essas diretrizes.

Os bolcheviques, que nos primeiros anos pós 1917 almejavam uma "revolução mundial", amargaram derrotas na Europa – como na rebelião ocorrida na Alemanha (1918-19) e no breve governo comunista na Hungria (1919), ambas brutalmente reprimidas, e na fracassada invasão russa à Polônia em 1920-. Porém, tiveram, no oriente, uma surpresa com a Mongólia que, em 1921, ascendeu movimentos revolucionários, os quais, três anos depois, declararam a República Popular da Mongólia.

O país, desde os primórdios do regime comunista, serviu de laboratório para alguns experimentos ligados à Biblioteconomia soviética, como a inserção do BBK nos currículos mongóis e na criação de bibliotecas, como, por exemplo, a Biblioteca Nacional Mongol construída na capital Ulan Bator em 1924, que serviu de base aos futuros cursos em Biblioteconomia no país[1]. A Mongólia, no campo bibliográfico e informacional, com exceção de uma breve reforma feita em 1956, seguiu fielmente os ditames soviéticos, apenas modificando sua estrutura com a saída do país do bloco socialista em 1990 (Johnson; Yadamsuren, 2010).

Arquivos, bibliotecas e museus soviéticos sofreram com crescente repressão após a ascensão do novo secretário geral Josef Stalin (1878-1953), em especial após 1929, com seu ápice em expurgos de grande escala ocorridos entre 1936e1938, vitimando vários profissionais – com alguns presos, deportados e executados-. Contudo, detalhes mais aprofundados sobre o impacto e a dinâmica dos expurgos nessas áreas ainda estão à guisa de pesquisas mais aprofundadas.

[1] A URSS, apesar de acolher o novo aliado oriental, teve de oferecer intenso apoio ao governo local em políticas internas (muitas vezes agressivas) no âmbito econômico, buscando modificar, mesmo que parcialmente, a realidade nômade e rural do país, oferecendo projetos localizados de infraestrutura, incluindo a construção de bibliotecas e museus, permitindo que a Mongólia obtivesse algum tipo de autonomia, em especial da China, que demandava sua anexação. Para essas iniciativas nos anos 1920 ver Carr (1976, capítulo 41).

Durante a participação da URSS na segunda guerra mundial (1941-1945), boa parte do conjunto documental do país conseguiu ser transferido para a Sibéria, os Urais e em algumas partes da Ásia Central (especialmente no Cazaquistão). Porém, muitos acervos não conseguiram ser resgatados a tempo da fulminante ofensiva militar alemã. Cidades como Smolensk, Minsk e Kiev sofreram considerável vandalismo, destruição e confiscos feitos por militares nazistas até meados de 1944, quando os soviéticos conseguiram recuperar essas regiões. Esses locais demoraram décadas para identificar de forma precisa a perda de seus acervos e coleções, criando duradouros litígios legais com a Alemanha, somente esclarecidos no início do século XXI (os soviéticos, ao ocuparem parte da Alemanha, retribuíram o favor, a partir de projetos de "reparações" estabelecidos pelo governo comunista, onde muito da reconstrução dos acervos foi feita com livros e coleções alemãs confiscados) (Richards, 1996; Grimstead, 2010; Nicholas, 2011).

3. A Ciência da Informação soviética no pós-guerra

Apesar do altíssimo custo humano e material (27 milhões de mortos e cerca de 70 mil vilarejos, 1.700 cidades e 32 mil fábricas destruídas), a URSS foi um dos grandes vencedores da Segunda Guerra, dividindo a hegemonia global com os Estados Unidos pelos 45 anos seguintes.

Na segunda metade dos anos 1940, a esfera de influência soviética aumentou consideravelmente. Leste Europeu, China, Coreia do Norte e Vietnã do Norte foram "incorporados" ao que foi chamado de "órbita soviética" ou "bloco comunista", expandindo o comunismo, segundo slogan de 1951, "de Berlim a Pequim" (Visentini, 2017; Santos Junior, 2024).

O campo informacional soviético não somente teria a, muitas vezes complexa, tarefa de expandir suas práticas informacionais dentro de seu vasto território, mas também em sua recente adquirida área de influência. Organismos precisavam ser criados para organizar essa centralização informacional, e duas foram as opções escolhidas.

O primeiro foi o Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECON). Criado em janeiro de 1949, consistiu em integrar economicamente o bloco comunista, expandindo para áreas como cultura e bibliotecas. Em 1963, o COMECON instituiu a Comissão Permanente de Coordenação das Pesquisas Técnicas e Científicas, unindo bibliotecas, universidades e

instituições de pesquisa do Leste europeu, estimulando a publicação de periódicos ligados à Informação Científica, além da publicação de vocabulários, dicionários técnicos e revistas de resumo de trabalhos científicos. Em 1969, consolidou-se a Rede Internacional de Informação Científica (MSNTI), na qual a URSS tentava suprir os países sob sua influência de material científico publicado nos países ocidentais, além de tentar centralizar e padronizar os serviços de informação no bloco comunista (Gilyareviskyi, 1999; Richards, 1998; 2001).

O segundo foi a consolidação do Instituto Estatal de Informação Científico e Técnica (VINITI). O então presidente da Academia de Ciências da URSS, Alexander Nesmeyanov, em discursos, textos e relatórios enviados diretamente a Stalin entre 1951 e 1952, advogou a criação de um organismo que reunisse práticas de organização e distribuição informacional nas repúblicas soviéticas e leste europeu. Corajosamente, afirmou que, se a URSS optaria por posturas mais isolacionistas em relação ao ocidente capitalista, ele não poderia vigorar no campo socialista. O secretário geral assentiu às demandas e, em junho de 1952, o VINITI foi instituído (Chernyi, 2005; Chernyi, Gilyareviskyi, 2009).

Apesar das bibliotecas e centros de informação serem apresentados como prioridade[2], o foco do organismo também se relacionou a tecnologia e engenharia. Isso pode ser percebido na escolha de seus dois primeiros diretores, Yuri Panov (que ocupou o cargo entre 1952-1956), no qual foi designado para postos estratégicos ligados a Computação nos anos 1950 e 1960, e Alexander Mikhailov (diretor entre 1956-1988), importante nome da engenharia aeronáutica soviética. Em 1959, o VINITI implantou a primeira pós-graduação em Informação Científica na URSS, além da consolidação de seu principal periódico na área, *Nauchno-Tekhnicheskaya Informatsiya* (Informação Científica e Técnica) em atividade desde 1961. Nos anos 1970, o organismo se consolidou como o principal centro de informação para o bloco, com diversos países imitando sua estrutura e com vinte mil funcionários em atividade (Chernyi, Gilyareviskyi, 2009; Markusova, 2012; Trembach, 2013).

Com o suporte desses órgãos, houve a promulgação de normas e regimentos que definiram a organização da produção de informação científica durante a década de 1960, com

[2] Entre 1951 a 1960, foram criadas aproximadamente 1861 unidades de informação, que visavam suprir organizações e indústrias com material científico. Outros organismos menores (ligados a atuação técnica nas repúblicas), com suporte ou coordenação do VINITI foram criados nos anos 1950 e 1960 como, por exemplo, o Centro Estatal de Informação Científica e Técnica (*VNTITS*), o Instituto Central de Investigação Científica sobre Informação de Patentes e Investigações Técnicas e Econômicas (*TSNIIPI*), o Instituto Estatal de Investigação Científica de Informação Científica e Técnica, Classificação e Codificação (*VNIIKI*) (Santos Junior; Pinheiro, 2010) .

destaque para o "Decreto sobre o Sistema Nacional de Informação Científica e Técnica", de 29 de novembro de 1966, que regulamentou os serviços, órgãos e atividades de geração, armazenamento e distribuição da informação no país (Santos Junior; Pinheiro, 2010).

A Ciência da Informação soviética, a partir de 1966, guiou seu estudo teórico com base na nomenclatura *Infromatika*, proposta pelo já citado A. I. Mikhailov (1905-1988), com a colaboração dos autores A. I. Chernyi e R. S. Gilyareviskyi, apresentada como

> Disciplina científica que estuda a estrutura e as propriedades (não especificamente o conteúdo) da informação científica, assim como as leis que regem as atividades ligadas à informação científica, sua teoria, história, metodologias e organização. O objetivo da Informatika é a de desenvolver métodos e meios eficientes de registro, processamento analítico sintético, armazenamento, recuperação e disseminação da informação científica (Mikhailov, 1967, p. 241)

Contudo, apesar de ter sido a principal vertente, frisa-se que não foi a única na União Soviética. Moreiro González (1995), Smutny (2015) e Smutny e Vahovar (2020) identificaram correntes divergentes, a partir dos anos 1970, em especial nas ideias ligadas ao pesquisador A. V. Sokolov (1934-2023), que propunha o afastamento de análises ligadas à informação científica e a criação de uma *Informatika* social, baseada na prática social, na observação da sociedade, e na interligação da área com a Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

4. Leste Europeu

Com o rompimento da Iugoslávia (entre 1948-49) e Albânia (entre 1961-62), a área de influência da URSS na Europa Oriental ficou circunscrita a Alemanha oriental (consolidada em 1949), Hungria, Polônia, Bulgária, Tchecoslováquia e Romênia, libertadas e ocupadas pelas tropas soviéticas em 1945, e que adotaram, entre 1948-1949 – ou melhor, foram implantadas a partir de ditames de Moscou - o sistema comunista em seus governos como principal forma política (e, em diferentes maneiras, nos campos cultural e econômico), sendo expandindo no campo informacional, isto é, bibliotecas, arquivos e museus (Kershaw, 2016; 2018).

Em um ambiente de destruição em uma das frentes mais violentas da Segunda Guerra, onde todos os países da região de alguma forma tiveram grandes perdas estruturais, e com a imposição soviética na região, inicia-se uma fase "socialista" para seus conjuntos documentais a partir de duas estratégias.

A primeira veio com a reforma e reconstrução dos seus acervos, muitas vezes com a construção de novas sedes a partir de ambiciosos projetos ligados à "arquitetura stalinista",

sendo o melhor exemplo ligado ao Palácio da Cultura e Ciência, inaugurado em 1955 em Varsóvia, sendo um dos mais extravagantes monumentos arquitetônicos do bloco comunista, englobando museus, bibliotecas e a Academia de Ciências polonesa. Essas iniciativas geraram opiniões ambíguas, por parte de seus profissionais. Por um lado, muitos mostraram duradouro ressentimento pela "sovietização" de sua prática e da inserção maciça de bibliografia marxista-leninista em seus acervos. Mas, por outro, recebiam de forma simpática a construção de novos centros documentais para seus países (Applebaum, 2012; Santos Junior, 2017).

Em paralelo, no início dos anos 1950, foram discutidas legislações que regulamentaram o funcionamento das bibliotecas e arquivos, além da delimitação do papel dos bibliotecários e arquivistas nessas instituições. Essas legislações, de forte caráter estatal e centralizador dos acervos documentais, coincidiram com a reinauguração das bibliotecas e arquivos nacionais, com suporte e coordenação de profissionais e instituições soviéticas (Parreira, 2018). A partir de meados dos anos 1960, as práticas de organização dessas bibliotecas nacionais seriam feitas a partir dos ditames do principal organismo em Biblioteconomia na União Soviética: a Biblioteca Estatal Lenin (atual Biblioteca Estatal da Rússia).

A segunda, no fim dos anos 1940, veio com a reformulação das graduações em Biblioteconomia, com currículos de intensidade variando de país, com forte viés de autores da URSS e de ideias marxistas-leninistas[3]. Tanto a Biblioteconomia quanto cursos ligados à Informação Científica nesses países, por motivos pragmáticos, utilizaram ideias e conceitos de autores fora da cortina de ferro como, por exemplo, a Documentação de Paul Otlet, a classificação facetada do indiano Shiyali Ranganathan, e até conceitos ligados à epistemologia social - estudo das dimensões sociais do conhecimento e da informação - do estadunidense Jesse Shera (Richards, 2001).

Como na URSS, os profissionais e organismos dessa região também participaram de eventos, comitês e publicações ligados a organismos como a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA) e a Federação Internacional de Documentação (FID), além de visitas de pesquisadores estadunidenses e ingleses a esses países.

[3] Dos que mais inseriram elementos marxistas, cita-se a Bulgária, com a Hungria e Polônia tentando intermediar ideias soviéticas e ocidentais, e a Tchecoslováquia oferecendo propostas nativas e autônomas de pesquisa, oferecendo influentes autores ligados a Ciência da Informação como, por exemplo, Augustin Merta (1914-2006). A Alemanha oriental teria uma dupla relação tanto com a URSS tanto com sua contraparte ocidental onde, a partir das políticas de abertura ligadas à *Ostpolitik* nos anos 1970, convênios foram feitos entre os dois países e visitas de pesquisadores como, por exemplo Jungen Habermas e Gernot Wersig.

Mikhailov, Chernyi e Gilyareviskyi (1973) citam que os países da região possuíam institutos em que sua estrutura, indiretamente, lembravam o VINITI. Na Polônia, o Instituto Central de Informação Científica, Técnica e Econômica (instituído em 1961), na Bulgária, o Instituto Central em Informação Científica (1962), na Romênia, o Instituto Central de Documentação Técnica (1962), na Alemanha oriental, o Instituto Central de Informação e Documentação (1963), e na Tchecoslováquia, o Centro de Informação Científica, Técnica e Econômica (1966), todas utilizando procedimentos de informação e bibliografia padronizados em Moscou.

Essa centralização seria percebida e "festejada" por alguns pesquisadores da região, nos congressos que reuniam o diretor do VINITI com os desses organismos, sendo ocorridos oito entre 1964 e 1979, com seus anais identificando tentativas soviéticas de criar uma "rede de informação científica" unindo a URSS e o Leste Europeu. Durante os anos 1970 e 1980, bibliotecários e arquivistas fizeram críticas sobre o caráter excessivamente tecnicista de sua formação, onde, apesar de pretensas "polêmicas" teóricas, no geral existiu pouco espaço para análises epistemológicas mais aprofundadas (Santos Junior, 2017).

5. China

Em outubro de 1949, após anos de uma incruenta guerra civil, tropas comunistas lideradas por Mao Tsé-Tung entravam de forma triunfante, com forte aclamação popular, em Pequim, iniciando, para surpresa e incredulidade internacional, o regime comunista na China. O governo teria, em suas primeiras décadas no poder, várias intempéries, como a participação na Guerra da Coréia, tensões tanto com os EUA quanto com a URSS, projetos de grande escala malsucedidos (como o grande salto adiante, ligado à inserção de diferentes métodos agrícolas, vigente entre 1958 e 1962, no qual vitimou milhões de pessoas), e instabilidades políticas entre Mao e o Partido Comunista, que culminaram com a revolução cultural (1966-1976), vitimando parte de sua elite política. Após a morte de Mao e a ascensão de Deng Xiaoping, foi adotado um vertiginoso redirecionamento no campo econômico e científico, caminho seguido atualmente[4].

[4] Para abordagens sobre a China desde 1949, boas análises iniciais podem ser encontradas em Pomar (2004), Fairbank e Goldman (2006) e Wood (2022).

O país é conhecido pelo seu papel na consolidação de acervos documentais no Oriente. Desde a antiguidade, a China possuía grande quantidade de museus, arquivos e bibliotecas, construídos em diferentes regiões do país, além do pioneirismo na criação de suportes que seriam amplamente utilizados, como, por exemplo, o papel, consolidado em 105. Esses campos no século XIX e na primeira metade do XX, tentaram, sem muito sucesso, inter-relacionar correntes de pesquisa nativas com as do ocidente (em especial ingleses e estadunidenses), mas sofreram com diversas tentativas de imposição ocidental a seus acervos e cursos (Liao, 2004). Com o comunismo, esses campos teriam uma abrupta mudança de direção.

Entre 1949-1950, com base em um amplo (e desvantajoso) acordo comercial com a URSS, o governo comunista iniciou um grande projeto de reorganização das bibliotecas do país, nacionalizando as bibliotecas privadas, expandindo de 55, em 1949, para quase 900, em 1976, criando comitês nacionais e instituindo cerca de oito cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Em 1956, a partir de um ambicioso projeto que vigorou até 1967 e com considerável influência do VINITI, foi implantada o Instituto de Informação Científica e Tecnológica (ISTI) e, dois anos depois, a Universidade em Ciência e Tecnologia, parte de um projeto de renovação tecnológica, da produção e troca de literatura científica, e em programas ligados à Cosmonáutica e energia nuclear (Yi, 2013; Cao, 2023).

O rompimento com a URSS, entre 1960 e 1962, e os problemas advindos do grande salto e Revolução Cultural prejudicaram os cursos, práticas e técnicas bibliográficas, com alguns profissionais obrigados a sair de suas universidades ou empregos. Após a morte de Mao, as bibliotecas, museus e arquivos passaram os anos setenta e oitenta reorganizando sua estrutura e acervos, sendo estimulado a expansão de projetos em parceria para além do bloco comunista, que se manteve nas décadas seguintes (Zhadong; Xaochu, 1987; Cheng, 2001).

Nos anos 1990, o governo chinês realizou uma profunda restruturação dos cursos, institutos e acervos, com novas diretrizes oferecidas em 1992 e 1997, com objetivos de renovação tecnológica e expansão de investimento no campo científico, internacionalizando suas pesquisas. Em 2016, cerca de 52 faculdades de Ciência da Informação estavam em atividade no país (Guo; Zhao, 2016)

Atualmente, sendo a segunda potência econômica do globo, a China apresenta vertiginosa expansão em seu campo em Ciência e Tecnologia, estando entre os países cientificamente mais produtivos. No campo da Ciência da Informação, o cenário chinês mostra-se também em rápido crescimento, com diversos pesquisadores ocupando espaços em

organismos estratégicos internacionais e participando do corpo editorial de diferentes periódicos estadunidenses.

6. Conexões latinas: Cuba e Nicarágua

Em agosto de 2017, o eminente professor cubano Radamés Linares Columbié, em evento promovido pela UNIRIO, ao discutir a história do campo informacional de Cuba, ironicamente, resumiu a relação da área com sua contraparte soviética como de "amor e ódio" (Columbié, 2018). A afirmação evidenciou a instável interação entre Cuba, o primeiro país socialista das Américas, com a URSS, revezando entre tensões e amenidades. Isso também se percebeu em seu campo informacional.

Inicialmente, o regime buscou uma postura de maior autonomia em seus primeiros anos pós-revolução. Entre 1960 e 1963, consolidou-se a primeira geração de bibliotecários cubanos ligados ao governo de Fidel, que lideraram a campanha pelo fim do analfabetismo em Cuba (1961), estimularam a criação da Rede Nacional de Bibliotecas e o Diretório Nacional de Bibliotecas Públicas, a promulgação de nova legislação, a reformulação dos cursos em Biblioteconomia cubanos - a partir dos anos 1970, com intercambio de pesquisadores soviéticos-, e na publicação de periódicos científicos[5] (Valdez, 2006).

Desde o início dos anos 1960, profissionais ligados ao VINITI visitaram o país, dando suporte à criação do Instituto de Informação Científica e Tecnológica (IDICT) em 1963, vinculado à Academia de Ciências de Cuba. Apesar de tentar manter certa independência em seu funcionamento e organização, percebeu-se que o IDICT teve considerável suporte e direcionamento do instituto soviético em seus primeiros anos (Izquierdo, 2004; Galán, 2009).

Durante os anos 1970, estabilizaram-se as políticas de expansão das bibliotecas públicas em Cuba. Foi instituído, em 1973, o Sistema Nacional de Informação Científico e Técnica, que teve como principal objetivo coletar, processar e disseminar a informação científica e técnica produzida no país. A partir dos Planos Nacionais em Informação (PNI) (1977-1982) e do Plano de desenvolvimento acelerado da ciência e tecnologia (PACT) (1981-1990), foram consolidados centros de informação em diferentes cidades cubanas (Galán 2009).

[5] Desses citam-se Maria Teresa Freyre de Andrade (1896-1975), Maria Villar Buceta (1899-1977), Jorge Aguayo y de Castro (1903-1994), Olinta Ariosa (1921-1999) e Sidroc Ramos (1926-2012).

Consolidaram-se também a criação de organismos de grande porte, que buscavam centralizar e organizar serviços de informação, em especial a Biblioteca Nacional de Ciência e Tecnologia (BNTC) e a Sociedade Cubana em Informação Científica, ambas instituídas em 1986 (Galán, 2009).

Nos anos 1970 e 1980, Cuba enviou centenas de profissionais e recebeu estudantes em Biblioteconomia e Museologia da África (Angola, Moçambique e Etiópia), Oriente Médio (Iêmen do Sul), Vietnã e Leste Europeu, porém com resultados ambíguos, ou seja, com pouco aproveitamento interno, encerrados em meados dos anos 1990 (Santos Junior, 2013).

A partir de 1989, críticas sobre análises teóricas presas em demasia a visão soviética, excesso de centralização dos programas em informação, deficiências desses centros em disponibilizar informações pedidas pelos usuários, problemas internos de várias bibliotecas e centros de informação, e a dependência financeira da URSS foram apresentadas por diferentes profissionais. Porém, com o abrupto fim do bloco comunista, a Biblioteconomia cubana teve de se readaptar, a duras penas, à perda de suporte desses países, atualizando suas práticas e tentando se renovar tecnologicamente (Cedeño; Herrera, 2018).

Após casos isolados[6], a América Latina seria palco de uma nova revolução socialista na Nicarágua, com a ascensão da Frente Sandinista de Libertação Nacional em junho de 1979. Uma das primeiras medidas do novo governo, parcialmente copiando a iniciativa cubana, foi um ambicioso projeto de erradicação do analfabetismo no país. Cuba, URSS e EUA – que, entre 1979 e 1981, ofereceu tímida ajuda econômica ao regime nicaraguense, apoiaram o projeto com o envio de livros, professores e material para a construção de escolas. Os resultados, apesar de algumas limitações, mostraram-se positivos dez anos depois, com diminuição considerável do número de analfabetos e aumento quantitativo de formados em cursos de graduação (Zimmermann, 2006; Gazi *et. al.*, 2021).

Durante os anos 1980, as bibliotecas, museus e arquivos do país foram centralizados no ministério da cultura, o que facilitou a criação de programas de expansão cultural, e na renovação de sua biblioteca, museu e arquivo nacional. Em 1979, o governo sandinista criou o Programa de Escolas em Biblioteconomia, criando uma rede nacional de bibliotecas, sendo

[6] Citam-se os breves governos de Salvador Allende no Chile (entre 1970-1973) e Maurice Bishop em Granada (1979-1983), ambos obtendo relativo suporte cubano e soviético. Porém esses governos sofreram com uma constante instabilidade política e econômica, sendo derrubados de forma violenta. Em relação ao Chile ver Moniz Bandeira (2023).

expandido no ano seguinte para arquivos e museus e tecnologia computacional no Sistema Nacional de Informação Documental (Bloch; Acevedo, 1988).

Mas, se por um lado o país recebia, apesar de certo distanciamento de Moscou, generoso suporte financeiro – segundo dados de 1985, 580 milhões de dólares foram enviados pela União Soviética ao país, e com dezenas de estudantes e profissionais realizando cursos e especializações no bloco comunista (Richards, 1999), de outro, a violenta contraofensiva patrocinada pelos Estados Unidos a partir de guerrilhas chamadas de "contras", que ajudou na queda do regime sandinista em 1990, causaram duradouros danos na infraestrutura do país, reverberando nos cursos em Biblioteconomia e Informação, com dados de 1988 identificando cerca de 50 por cento de evasão dos estudantes, e de profissionais preferirem continuar suas carreiras na Europa ou Cuba (Bloch; Acevedo, 1988; Zimmermann, 2006; Gazi *et. al.*, 2021).

7. Ásia e África

No final da década de 1970, a União Soviética obteve a expansão máxima de sua esfera de influência em países da Ásia, África, América latina e Oriente Médio. Segundo Hobsbawn (1998, p. 440)

> As declarações soviéticas agora falavam em "estado de orientação socialista" além dos plenamente comunistas. Angola, Moçambique, Etiópia, Nicarágua, Iêmen do Sul e Afeganistão compareceram ao funeral de [primeiro secretário geral do partido comunista da URSS Leonid] Brejnev em 1982 com esse título. A URSS nem fizera, nem controlava essas revoluções, mas visivelmente as acolhia, com certa alacridade, como aliadas.

Com essa expansão, os soviéticos buscaram consolidar o papel de grande "exportador" de informação para esses países, nem sempre com sucesso. Essas iniciativas podem ser vistas na consolidação de organismos, como, por exemplo, o Instituto *Krupskaya* para a cultura de Leningrado - atualmente Academia de Cultura de São Petersburgo – onde, entre 1974 e 1991, formou cerca de vinte e cinco alunos em seu doutorado e graduado cerca de dois mil alunos ligados ao bloco comunista, a maioria enviados de volta aos seus países de origem, ocupando cargos estratégicos em suas bibliotecas, museus e arquivos nacionais (Richards, 1998; 1999; Santos Junior; Pinheiro, 2010).

Na Coreia do Norte, inciativas, inicialmente com considerável suporte soviético, vieram com a consolidação da Biblioteca Nacional da Coréia (atualmente Biblioteca Kim Il-Sung) entre 1946-1949 e da Academia de Ciências Norte Coreana (1952) que, por décadas, serviram

de base a projetos de grande porte de ensino e na criação de bibliotecas. Apesar desses institutos entrarem em um período de instabilidade a partir dos anos 1980, obtiveram bons resultados onde, em 1992, cerca de 15 mil bibliotecas estavam em atividade no país (apesar de maiores informações sobre seu funcionamento e estrutura não serem localizadas). Mesmo com o clima de hostilidade advindo da guerra com o vizinho do sul entre 1950 e 1953, no terceiro plano econômico implantado entre 1987 e 1993, o governo comunista, não somente estimulou a consolidação de uma rápida – e, por vezes, agressiva – renovação tecnológica no país, com a entrada da Internet e computadores de alta performance, como abriu brechas que permitiram negociações localizadas com os EUA, Europa e Ásia (Lee, 2005; Song, 2019).

Contudo, nos anos 1990, o forte isolamento do país, incluindo seus centros de documentação e informação, se consolidou, a partir de agressivos, e por vezes, draconianos, embargos oferecidos pelos Estados Unidos e Europa ocidental, de um lado, e, de outro, em uma profunda, e, por vezes, bizarra, estratégia de isolamento e hostilidade ao ocidente dos governos de Kim Jon II (1994-2011) e Kim Jon Un (a partir de 2012) (Visentini; Melchiona; Pereira, 2015).

Ligado ao Sudeste Asiático[7], no Vietnã, em sua contraparte norte, apesar de iniciativas ligadas à criação de cursos em Biblioteconomia durante os anos 1950, essas somente se consolidaram após a violenta guerra de unificação do país (1945-1975), no qual os vietnamitas derrotaram a França e, depois, os Estados Unidos, mais especificamente após 1973, quando a vitória estava praticamente garantida[8].

O número de bibliotecas públicas no país aumentou mais de vinte e cinco por cento entre 1975 e 1997, com legislações apresentando novas diretrizes e direcionamentos práticos, oferecendo oportunidades de promoção social aos seus bibliotecários (Welch, Murray, 2010). Como forma de consolidar projetos de grande porte no país foram construídos, nos anos 1980, o Colégio Cultural Ho Chi Minh e o Centro Nacional de Documentação e Informação em Ciência e Tecnologia, ambos ligados respectivamente aos ministérios da cultura e educação (Tran; Gorman, 1999).

[7] Informações sobre o cenário informacional do Laos e Camboja mostram-se fragmentados. Em relação ao Laos, apesar da criação de institutos e bibliotecas nos anos 1950 e 1970, a violenta guerra civil no país prejudicou seu desenvolvimento. Já o Camboja, o regime genocida liderado pelo Khmer vermelho entre 1975-1979 e uma duradoura guerra com o Vietnã entre 1978-89 arruinaram os cursos e acervos do país, somente parcialmente recuperados a partir dos anos 1990 (Singh, 1997).
[8] Para maiores informações sobre o longo conflito ocorrido no país ver Hastings (2021).

O primeiro curso de Biblioteconomia no Vietnã foi criado na capital da contraparte sul, Hanói, em 1955, com uma pós-graduação consolidada quatro anos depois, quando, a partir de 1975, o currículo do curso passou por mudanças, em especial na inclusão de matérias ligadas ao marxismo-leninismo-maoísmo e do ensino tanto da classificação decimal e universal quanto do BBK. Em 1976, na capital rebatizada de Ho Chi Minh, outra graduação e pós-graduação em Biblioteconomia foi instituída a partir de 1984 na nova universidade estatal construída na cidade. Inicialmente, vários estudantes foram enviados para cursos de capacitação na URSS e China, essa última, após 1991, obtendo a preferência para a formação de seus profissionais (Tran, 1999; Tran; Gorman, 1999).

Apesar de posturas autoritárias, boa parte dos bibliotecários, arquivistas e museólogos, por questões pragmáticas, foram poupados dos expurgos promovidos pelo governo comunista na segunda metade dos anos 1970, com esses profissionais sofrendo apenas uma breve "reciclagem" teórica, com cursos e projetos localizados. Nos anos 1990 e 2000, uma profunda reorganização foi feita nos cursos e acervos do país, buscando sua renovação e inserção em uma realidade tecnológica e informacional (Welch; Murray, 2010).

Na África, o processo de descolonização ocorrido a partir dos anos 1950 teve uma rápida dinâmica, com dezenas de países saindo da dominação inglesa, francesa, holandesa, belga e, posteriormente, portuguesa, conseguindo sua autonomia. A URSS, em um primeiro momento, buscou expandir sua influência na região. Porém, no geral, obteve pouco sucesso ou, em casos como na República Popular do Congo, Burkina Faso, Benim e Zimbabwe, encontraram dificuldades e uma relação dúbia e ambígua com seus governos, rivalizando com a China, que, aos poucos, também buscou maior inter-relacionamento na região (Meredith, 2017).

Mas houve exceções, em especial aos que conseguiram sua (tardia) independência de Portugal. Guiné-Bissau (independente em 1974), Angola e Moçambique (independentes em 1975), reorganizando suas bibliotecas e arquivos, em sua primeira década de independência, receberam especialistas soviéticos e cubanos e enviaram alunos e profissionais para esses países. Contudo, por questões internas (em especial violentas guerras civis) e por tensões e entraves com Moscou, esses países decidiram buscar parcerias para além do bloco socialista, expandindo o leque de projetos multinacionais a partir dos anos 1990 (Santos Junior, 2014; Djalo, 2022).

Em relação a Etiópia, com um governo comunista consolidado em 1977 por Mengistu Haile Mariam, também enviou estudantes para Cuba, URSS e Alemanha oriental, buscando

verbas para projetos ligados ao fim do analfabetismo – retribuídos em generosa produção de dezenas de livros técnicos em aramaico entre 1977 e 1980-, à reorganização das bibliotecas e museus no país e da criação de um dos primeiros mestrados de Ciência da Informação na África em 1989. Porém, a URSS, devido a violenta repressão de Mariam a oposição, além da grave instabilidade política e desastres humanitários ocorridos no país por toda a década de oitenta – ocasionando a derrubada do regime em 1991-, acabou afastando seu apoio (Santos Junior, 2014).

8. Conclusões (ou, o que restou?)

No início dos anos 1980, em parte devido às crises no Afeganistão e Polônia, e em parte devido ao alto custo financeiro de manutenção de sua esfera de influência, a cúpula do Partido Comunista Soviético começou a discutir a viabilidade econômica e militar do bloco comunista. Quase imediatamente a morte de Leonid Brejnev (1906-1982), a União Soviética, por vezes diretamente, outras de forma discreta, informou os países do bloco que a ajuda informacional, militar e econômica seria diminuída ou não mais garantida. Chamada de "novo pensamento" pelo último dirigente soviético, Mikhail Gorbachev (1931-2022), essa política teve seu ápice com a rápida (e inesperada) dissolução do bloco comunista entre 1989-91, consolidado com o fim do COMECON, do Pacto de Varsóvia[9] e da própria URSS (Brown, 2011).

Pouco do que foi oferecido por Moscou durante o comunismo se manteve nos anos 1990. Nesse período, os principais organismos soviéticos ou foram extintos ou, como no caso do VINITI, tiveram considerável reorganização estrutural, adaptando suas atividades quase exclusivamente à Federação Russa. Esses órgãos buscaram reciclar e reutilizar seus funcionários e pesquisadores que realizavam atividades no antigo bloco comunista. Devido à severa crise financeira que a Rússia sofria nos anos 1990, boa parte desses funcionários preferiu não retornar, mantendo suas atividades em outros países da Europa ou emigrando para os Estados Unidos. Antigas sedes do VINITI fora da Rússia ou foram desativadas ou se fundiram a cursos ou institutos nesses países (Santos Junior, 2021).

Tanto no campo teórico, com análises ligadas ao marxismo-leninismo ou à *Informatika*, quanto no prático, via sistema de classificação BBK, pouco foi aproveitado em currículos dos

[9] Aliança militar entre os países comunistas, em oposição a Organização do Tratado do Atlântico Norte, em atividade entre 1955 e 1991.

cursos de Biblioteconomia / Ciência da Informação e em atividades práticas, sendo substituídos pelos sistemas ocidentais. Mesmo países comunistas remanescentes como Cuba, Vietnã e China, apesar de não abandonarem por completo esses conceitos, o relegaram a um papel de coadjuvante em seus projetos e currículos (Vega-Almeida; Arencibia-Jorge, 2021).

A partir de meados dos anos 2000, o governo de Vladimir Putin, além da implantação de novas leis reorganizando o campo informacional e tecnológico da Rússia, apresentou políticas de maior intervenção exterior (Service, 2020). A partir de 2013, o país obteve protagonismo no que foi chamado de "guerra híbrida", a partir de fake news e infiltração em diferentes órgãos políticos, influenciando, indiretamente, no plebiscito que aprovou a saída do Reino Unido na União Europeia e na eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, ambos ocorridos em 2016 (Leirner, 2022; Fisher, 2023). Também a partir dos anos 2010, a Rússia realizou intervenções a nível militar (oficial ou por grupos mercenários como a milícia Wagner) na Geórgia (2008), Ucrânia (em 2014 e a partir de 2022), Síria (entre 2015-2024), nos países africanos da região do Sahel (a partir de 2017) e Cazaquistão (2022), além do incremento do suporte financeiro a Cuba e Venezuela (Service, 2020; Jorge, 2022).

Alguns questionamentos, à guisa de pesquisas futuras, emergem nessa realidade: que tipo de influência política, econômica e social a Rússia de Putin almeja nessas intervenções? O campo informacional (bibliotecas, museus e arquivos) estará inserido nessas novas empreitadas? Se sim, de que forma?

São questões interessantes no sentido de identificar que, segundo Harari (2019), se os soviéticos tinham o comunismo como forma de unificar e justificar suas ações, o que o "putinismo", além da bem-sucedida guerra cibernética, pode oferecer?

Referências

APPLEBAUM, A. **Iron Curtian:** the crushing of the eastern Europe (1944-1956). Londres: Penguin, 2012.

BARRETO, A. A. Uma história da ciência da informação. *In:* TOUTAIN, L. M. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: Ed. da UFBA, 2007. p. 13-34.

BARRETO, A. A. Uma quase história da ciência da informação. **Datagramazero**, v. 9, n. 2, 2008. Disponível em: www.dgz.org.br/abr08/Art_01.htm. Acesso em: 29 dez. 2023.

BAUER, C.; DELCOROSO, I.; PEREIRA FILHO, S. A proposta russa de educação socialista: o legado de Nadezhda Konstantinovna Krupskaya e a sua influência no Brasil. **Revista debates insubmissos**, Recife, v. 5, n. 16, p. 34-52, 2022. Disponível em https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/debatesinsubmissos/article/view/250606/41119. Acesso em 25 mar. 2024.

BLOCH, T.; ACEVEDO, A. Library education in revolutionary Nicaragua. **Journal of Education for Library and Information Science**, v. 28, n. 3, 169-176, 1988.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, New Jersey, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968.

BRIET, S. **O que é a documentação?** Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2016.

BROWN, A. **Ascensão e queda do comunismo**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

CAO, Q. An information channel under technological blockade: the science and technology information system in China (1956–1966). **Cultures of Science**, v. 6, n.2, 136–145, 2023. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/20966083231181755. Acesso em: 25 mar. 2024.

CARR, E. W. **El socialismo en un solo país**. Madrid: Alianza Editorial, 1976. v. 3 – segunda parte.

CEDEÑO, J. L.; HERRERA, M. Las bibliotecas y las infotecnologías: prácticas en Cuba. **Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios**, Andaluzia, v. 33, n. 115, p. 8-23, 2018. Disponível em https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6554133. Acesso em: 19 mar. 2024.

CHENG, H. The effect of the cold war on librarianship in China. **Library Review**, Bingley, v. 50, n. 3, p. 132-137, 2001.

CHERNYI, A. I. **Российская академия наук - Всероссийский институт научной и технической информации**. Moscou: Nauka VINITI, 2005. Disponível em: https://inion.ru/site/assets/files/1475/chernyy_2005.pdf. Acesso em: 23 dez. 2023.

CHERNYI, A. I.; GILYAREVISKYI, R. S. The creation of the VINITI is the legacy of the Academician AN Nesmeyanov. **Scientific and Technical Information Processing**, Moscou, v. 36, n.6, p. 362-363, 2009.

COLUMBIÉ, R. L. Reflexiones histórico-epistemológicas de La Ciencia de La Información y la singularidade de su construcción em Cuba. **Logeion**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 56–79, 2018. Disponível em: https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4213. Acesso em: 25 abr. 2024.

DJALO, I. Formação bibliotecária no contexto africano: olhares de Guiné-Bissau. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, n. esp., 2022. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/39919/30645. Acesso em: 20 mar. 2024.

FAIRBANK, J.; GOLDMAN, W. **China:** uma nova história. Porto Alegre: L&PM, 2006.

FISHER, M. **A máquina do caos**. São Paulo: Todavia, 2023.

FITZPATRICK, S. **A revolução russa**. São Paulo: Todavia, 2017.

FITZPATRICK, S. **Breve história da União Soviética**. São Paulo: Todavia, 2022.

FORSTER, S. L. Nadezhda Krupskaya y las mujeres socialistas en la Revolución rusa, una mirada feminista. **EntreDiversidades**, Chiapas, v. 6, n. 2, p. 43-72, 2019. Disponível em http://www.entrediversidades.unach.mx/index.php/entrediversidades/article/view/134/315. Acesso em: 19 mar. 2024.

FREIRE, I. M. A responsabilidade social da Ciência da Informação na perspectiva da consciência possível. **Datagramazero**, v. 5, n. 1, 2004. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/229/1/FREIREDataGramaZero2005.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

GALÁN, I. F. Origen y desarrollo del sistema nacional de información en Cuba. **ACIMED**, Havana, v. 19, n. 6, p. 1-35, 2009. Disponível em: http://scielo.sld.cu/pdf/aci/v19n6/aci03609.pdf. Acesso em: 20 fev. 2024.

GAZI, M. *et. al.* 1980 Nikaragua Okuryazarlık Kampanyası'ndaki Propaganda Posterlerinin Kitap Okuma Boyutunda İncelenmesi. **Türk Kütüphaneciliği,** Ankara, v. 35, n. 1, p. 64-88, 2021. Disponível em: https://dergipark.org.tr/tr/download/article-file/1553074. Acesso em: 15 Fev. 2024.

GILYAREVISKYI, R. S. Soviet scientific and technical information system: its principles, development, accomplishments, and defects in: history and heritage of science information systems. *In:* History and heritage of science information systems. **1998 Conference Proceedings**, 1999. p. 195-205. Disponível em: https://webdoc.sub.gwdg.de/ebook/s/2001/chf/www.chemheritage.org/historicalservices/asis_documents/asis98_giliarevskii.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

GRIMSTEAD, P. K. Legalizing "compensation" and the spoils of war: the russian law on displaced cultural valuables and the manipulation of historical memory. **International Journal of Cultural Property**, Cambridge, v. 17, p. 217–255, 2010.

GUO, F.; ZHAO, R. Analysis and investigation of information science education in China. *In:* INTERNATIONAL CONFERENCE ON ASIA-PACIFIC DIGITAL LIBRARIES (ICADL 2016) / ASIA-PACIFIC FORUM OF INFORMATION SCHOOLS (APIS 2016), 18., 2016, Tsukuba. **Proceedings**. Tsukuba, 2016. Disponível em:

https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/LHT-08-2015-0080/full/html. Acesso em: 15 fev. 2024.

HARARI, Y. **21 Lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

HASTINGS, M. **Vietnã:** uma tragédia épica 1945-1975. São Paulo: Intrínseca, 2021.

HIRSCH, F. **Empire of nations:** ethnographic knowledge and the making of the Soviet Union. Nova Iorque: Cornell University Press, 2005**.**

HIRSCH, F. Getting to know "the peoples of the USSR": ethnographic exhibits as soviet virtual tourism, 1923-1934. **Slavic Review**, Cambridge, v. 62, n. 4, p. 683-709, 2003.

HIRSCH, F. The Soviet Union as a work-in-progress: ethnographers and the category nationality in the 1926, 1937, and 1939 censuses. **Slavic Review**, Cambridge, v. 56, n. 2, p. 251-278, 1997.

HOBSBAWM, E. **Era dos extremos:** o breve século XX, 1914-1991. 2. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

IZQUIERDO, E. P. Peculiaridades del desarrollo de las ciencias de la información en Cuba. **ACIMED,** Havana, v. 12, n. 1, 2004. Disponível em: http://scielo.sld.cu/pdf/aci/v12n1/aci06104.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.

JOHNSON, C.; YADAMSUREN, B. Libraries in transition: how librarians in Mongolia are re-visioning the role of libraries in the new democracy, a case study. **The International Information & Library Review**, Philadelphia, v. 42, p. 1-7, 2010. Disponível em : https://www.researchgate.net/publication/248577118_Libraries_in_transition_How_librarians_in_Mongolia_are_re-visioning_the_role_of_libraries_in_the_new_democracy_a_case_study. Acesso em: 20 mar. 2024.

JORGE, B. W. A. A dimensão cibernética entre a Rússia e a Ucrânia em 2022: uma avaliação inicial passado 100 dias do conflito. **Hoplos,** Niterói, v. 6, v. 10, p. 102-124, 2022. Disponível em: https://periodicos.uff.br/hoplos/article/view/54787/32530. Acesso em: 25 fev. 2024.

JUVÊNCIO, C. H. Arquitetura das ideias: Paul Otlet, o objeto, o livro e o documento. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 26, p. 1-17, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/73450/45202. Acesso em: 25 mar. 2024.

KERSHAW, I. **De volta do inferno**: Europa 1914-1949. São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

KERSHAW, I. **Roller coaster:** Europe 1950-2017. Londres: Penguim, 2018.

LEE, J. S. Information technology progress in North Korea and its prospects. **Bytes and bullets:** Asia-Pacific Center for Security Studies Honolulu United States Technical Report. Honolulu, 2005, p. 100-122. Disponível em: https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/AD1032399.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

LEIRNER, P. C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida:** militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2022.

LIAO, J. The genesis of the modern academic library in China: western influences and the chinese response. **Libraries & Culture**, Texas, v. 39, n. 2, p. 161-174, 2004.

MARKUSOVA, V. All Russian Institute for Scientific and Technical Information (VINITI) of the Russian Academy of Sciences. **Acta Informatica Medica**, v. 20, n. 2, 2012. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3544321/. Acesso em: 19 fev. 2024.

MEREDITH, M. **O destino da África:** cinco mil anos de riquezas, ganâncias e desafios. São Paulo: Zahar, 2017.

MIKHAILOV, A. I.; CHERNYI, A. I.; GILYAREVSKY, R. S. **Fundamentos de la informatica.** Havana: IDICT/Academia de Ciencias de Cuba, 1973. 2 v.

MIKHAILOV, A. I. Informatics: a scientific discipline. **Documentação e Informação Científica**, Lisboa, v. 10, n. 53, p. 239-242, 1967.

MONIZ BANDEIRA, L. A. **Fórmula para o caos:** a derrubada de Salvador Allende (1970-1973). 2. ed., rev. ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. Qué fue del concepto soviético "Informatika"?. **Documentación de las Ciencias de la Información,** Madrid, n. 18, p. 173-182, 1995.

MUÑOZ-MUÑOZ, A. M. Nadezhda Konstantinovna Krupskaia: bibliotecária e feminista. **Revista Movimento**, São Paulo, n. 6, 2017. Disponível em: https://movimentorevista.com.br/2017/10/nadezhda-konstantinovna-krupskaia-educacao-feminismo-biblioteca-uniao-sovietica/ Acesso em: 20 mar. 2024.

NICHOLAS, L. H. **Europa saqueada:** o destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ORTEGA, C. D. A documentação como uma das origens da ciência da informação e base fértil para sua fundamentação. **Brazilian Journal of Information Science**: Research Trends, Marília, v. 3, n. 1, p. 3-35, 2009. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/48/263. Acesso em: 30 mar. 2024.

OTLET, P. **Tratado de documentação:** o livro sobre o livro teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos, 2018.

PEREIRA, Z. M. C. **A regulamentação legal das bibliotecas públicas em Portugal**. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e Comunicação) – Universidade de Évora, Évora, 2018. Disponível em: https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/23261. Acesso em: 20 mar. 2024.

PINHEIRO, L. V. R. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da ciência da informação. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 15, n. 1, 2005. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/23/1/I%26SPinheiro2005.PDF. Acesso em: 19 dez. 2023.

POMAR, V. **A revolução chinesa**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

RICHARDS, P. S. Cold war librarianship: soviet and american library activities in support of national foreign policy, 1946-1991. **Libraries & Culture**, Texas, v. 36, n. 1, p. 193-203, 2001.

RICHARDS, P. S. Scientific information for Stalin's laboratories, 1945-1953. **Information Processing & Management**, Amsterdam, v. 32, n. 1, p. 77-88, 1996.

RICHARDS, P. S. The reconfiguration of international information infrastructure assistance since 1991. **ASIS Bulletin**, New Jersey, Junho/julho 1998. Disponível em: https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/bult.94. Acesso em: 29 mar. 2023.

RICHARDS, P. S. The soviet overseas information empire and the implications of its disintegration. *In:* History and heritage of science information systems. **1998 Conference Proceedings.** 1999. p. 206-214.

RICHARDSON JR. J. V. The origin of soviet education for librarianship: the role of Nadezhda Konstantinovna Krupskaya (1869-1939), Lyubov' Borisovna Khavkina-Hamburger (1871-1949) and Genrietta K. Abele-Derman (1882-1954). **Journal of Education for Library and Information Science,** n. 41, p.106-128, 2000. Disponível em: https://pages.gseis.ucla.edu/faculty/richardson/origin.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

SALDANHA, G. S.; ORTEGA, C. D. Itinerários da obra de Suzanne Briet: inflexões e tensões. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, p. 103-134, 2018. Disponível em https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1173/1067. Acesso em 30 mar. 2024.

SANTOS JUNIOR, R. L. "Hasta la Revolución...y información!": análise histórica sobre o desenvolvimento dos campos em biblioteconomia e ciência da Informação em Cuba (1959-2008). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, p. 86-101, 2013. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1766/1554. Acesso em: 19 mar. 2024.

SANTOS JUNIOR, R. L**.** Análise histórica sobre o desenvolvimento da Biblioteconomia e Ciência da Informação do Leste Europeu no pós-Segunda Guerra Mundial (1945-anos 1960). **Logeion**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 60-74, 2017. Disponível em: https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/3838/3178. Acesso em: 19 mar. 2024.

SANTOS JUNIOR, R. L. Análise histórica sobre o desenvolvimento da Arquivologia na antiga União Soviética (1918-1985). **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 3, p. 64-83, 2012a. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/48654/52725. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTOS JUNIOR, R. L. Análise sobre o desenvolvimento do campo de estudo em informação científica e técnica nos Estados Unidos e na antiga União Soviética durante a guerra fria (1945-1991). **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, p. 130-157, 2012b. Disponível em: https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/217. Acesso em 12 mar. 2024.

SANTOS JUNIOR, R. L. Análise histórica sobre o desenvolvimento da Biblioteconomia e Ciência da Informação em Angola, Moçambique e Etiópia. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 20, p. 188-206, 2014. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/48850/32120. Acesso em: 19 mar. 2024.

SANTOS JUNIOR, R. L. Após o comunismo: a Biblioteconomia e Ciência da informação nas antigas repúblicas soviéticas (1991-2021). **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 193-214, 2021. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/44913/0. Acesso em: 20 mar. 2024.

SANTOS JUNIOR, R. L. **Informática vermelha:** história da computação na União Soviética (1948-1991). Curitiba: Appris, 2024.

SANTOS JUNIOR, R. L.; PINHEIRO, L. V. R. A infra-estrutura em informação científica e em ciência da informação na antiga União Soviética (1917-1991). **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 15, p. 24-51, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2010v15n29p24/19539. Acesso em: 20 fev. 2024.

SERVICE, R. **The Penguin history of modern Russia***:* from tsarism to the twenty-first century. 5 ed. Londres: Penguin, 2020.

SILVA, V. M. Uma mulher, a Biblioteconomia e as bibliotecas soviéticas. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 2, n.1, p. 1-14, 2012. Disponível em: https://periodicos-des.cecom.ufmg.br/index.php/moci/article/view/16939. Acesso em: 20 mar. 2024.

SINGH, J. Southeast asian libraries. **Herald of Library Science**, p. 168-172, 1997. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Jagtar-Singh-5/publication/327955348_South_Asian_Libraries/links/5bb0770445851574f7f14807/South-Asian-Libraries.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

SMUTNY, Z. Social informatics as a concept: Widening the discourse. **Journal of Information Science**, v. 42, n. 5, p. 1-30, 2015.

SMUTNY, Z.; VAHOVAR, V. Social informatics research: schools of thought, methodological basis, and thematic conceptualization. **Journal of the Association for Information Science**, New Jersey, v. 71, n. 5, p. 529-539, 2020.

SONG, Y. A glimpse into academic and research libraries in North Korea. **College & Research Libraries News**, Chicago, v. 80, n. 2, 2019. Disponível em: https://crln.acrl.org/index.php/crlnews/article/view/17582/19384/1000. Acesso em: 25 mar. 2024.

TAYLOR, R. S. Professional aspects of information science and technology. **Annual Review of Information Science and Technology**, New Jersey, v. 1, p. 15-40, 1966.

TRAN, L. A. Recent library developments in Vietnam. **Asian Libraries**, Bingley, v. 8, n.1, p. 5-16, 1999.

TRAN, L. A.; GORMAN, G. E. The implementation of information technology in Vietnamese libraries: Results of a survey. **Asian Libraries**, Bingley, v. 8, n.10, p. 380-395, 1999.

TREMBACH, S. Pioneers in Uncharted Territory: VINITI and the communist influence on the U.S. scientific and technical information system. **Proceedings of the American Society for Information Science and Technology**, New Jersey, v. 50, n. 1, 2013. Disponível em:

https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/meet.14505001139. Acesso em: 20 mar. 2024.

VALDÉS, M. V. La biblioteca pública cubana en el período 1959-1989. **ACIMED**, Havana, v. 14, n. 1, 2006. Disponível em: http://eprints.rclis.org/9135/1/http___bvs.sld.cu_revistas_aci_vol14_1_06_aci05106.htm.pdf. Acesso em: 18 mar. 2024.

VEGA-ALMEIDA, R. L.; ARENCIBIA-JORGE, R. Research on Information Sciences in Cuba: flows of knowledge during the period 2005-2019. **Iberoamerican Journal of Science Measurement and Communication**, v. 1, n. 2, p. 1-28, 2021. Disponível em: https://ijsmc.pro-metrics.org/index.php/i/article/view/22. Acesso em: 20 abr. 2024.

VISENTINI, P. G. F. **Os paradoxos da revolução russa:** ascensão e queda do socialismo soviético (1917-1991). Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

VISENTINI, P. G. F.; PEREIRA, A. D.; MELCHIONA, H. H. **A revolução coreana:** o desconhecido socialismo Zuche. São Paulo: Ed. UNESP, 2015.

WELCH, B. ; MURRAY, J. Libraries and LIS education in Vietnam: a view from the outside. **Library Management**, Bingley, v. 31, n. 7, p. 521-534, 2010.

WOOD, M. **História da China:** o retrato de uma civilização e seu povo. Lisboa: Crítica, 2022.

YI, Z. History of library developments in China. *In:* IFLA World Library and Information Congress 2013. **Conference Proceedings**. Cingapura, 2013. Disponível em: https://library.ifla.org/id/eprint/143/1/164-yi-en.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

ZAHER, C.; GOMES, H. E. Da bibliografia à Ciência da Informação: um histórico e uma posição. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 5-7, 1972. Disponível em : https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1/1. Acesso em: 23 mar. 2024.

ZHAODONG, L.; XAOCHU, W. Estudo preliminar sobre a política nacional de informação cientifica e tecnológica da China: uma opinião pessoal. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 1, p. 61-66, 1987. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/272/272. Acesso em: 22 mar. 2024.

ZIMMERMANN, M. **A revolução nicaraguense**. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

Artigo submetido em: 21 maio 2024
Artigo aceito em: 17 fev. 2025